Arte | Educação | Performance
Filosofia | História | Interdisciplinar | Linguística | Literatura

Volume 2026
ISSN 2319-0868

ÁRVORES DE PEDRA: ARTE ENTRE ENTULHOS, MEMÓRIA E REENCANTAMENTO

STONE TREES: ART AMONG RUBBLE, MEMORY, AND RE-ENCHANTMENT

ÁRBOLES DE PIEDRA: ARTE ENTRE ESCOMBROS, MEMORIA Y REENCANTAMIENTO

Ezir Leite de Moura Júnior Moura
Universidade Federal do Acre - UFAC, Rio Branco/AC, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o processo criativo que possibilitou a exposição Árvores de Pedra, marcada pelo reaproveitamento de materiais e pela valorização do cotidiano como fonte de invenção estética. A proposta se ancora na noção de cotidiano elaborada por Michel de Certeau (1994), que compreende os gestos ordinários, como caminhar, recolher e observar, como práticas táticas de resistência e criação. Ao recolher pedras, fios e restos de materiais nos becos do bairro Universitário, em Rio Branco (AC), baseando-se em culturas e memórias subjetivas de regiões mineradoras de Minas Gerais, transforma o que é rejeito em matéria sensível e poética. Essa transformação mobiliza também a ideia de memória involuntária proposta por Marcel Proust (2006), na qual os sentidos, especialmente o tato e a visão, ativam lembranças e afetos não lineares, muitas vezes esquecidos ou adormecidos. Cada peça criada é, assim, uma costura entre tempos e espaços, fragmentos e subjetividades. A proposta foi apresentada ao público em duas exposições realizadas no Parque Tucumã em Rio Branco - Acre, em 22 de maio de 2025, e na Associação de Professores da Universidade Federal do Acre (Ufac) em 10 de junho de 2025, com obras acessíveis entre R$ 10,00 e R$ 30,00. Dessa forma, reafirma-se o compromisso com uma arte inclusiva e sensível. Mais do que objetos estéticos, as árvores de pedra constituem formas de reencantamento do mundo a partir do que foi descartado.

Palavras-chave: Arte; Cotidiano; Memória; Reencantamento.

Abstract

This article presents a reflection on the creative process that enabled the exhibition Stone Trees, marked by the reuse of materials and the appreciation of everyday life as a source of aesthetic invention. The proposal is anchored in the notion of everyday life elaborated by Michel de Certeau (1994), which understands ordinary gestures, such as walking, collecting, and observing, as tactical practices of

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

resistance and creation. By collecting stones, wires, and scraps of materials in the alleys of the Universitário neighborhood in Rio Branco (AC), based on subjective memories of mining regions in Minas Gerais, it transforms what is discarded into sensitive and poetic matter. This transformation also mobilizes the idea of involuntary memory proposed by Marcel Proust (2006), in which the senses, especially touch and sight, activate nonlinear memories and affections, often forgotten or dormant. Each created piece is thus a stitching together of times and spaces, fragments, and subjectivities. The proposal was presented to the public in two exhibitions held at Parque Tucumã on May 22, 2025, and at the Association of Professors of the Federal University of Acre (UFAC) on Junho 10, 2025, with works accessible between R$ 10.00 and R$ 30.00. Thus, it reaffirms the commitment to inclusive and sensitive art. More than aesthetic objects, the stone trees constitute forms of re-enchantment of the world from what has been discarded.

Keywords: Art; Everyday life; Memory; Re-enchantment.

Resumen

Este artículo presenta una reflexión sobre el proceso creativo que posibilitó la exposición Árboles de Piedra, marcada por el reaprovechamiento de materiales y la valorización de lo cotidiano como fuente de invención estética. La propuesta se ancla en la noción de cotidiano elaborada por Michel de Certeau (1994), que comprende los gestos ordinarios, como caminar, recoger y observar, como prácticas tácticas de resistencia y creación. Al recoger piedras, hilos y restos de materiales en los callejones del barrio Universitario, en Río Branco (AC), basándose en memorias subjetivas de regiones mineras de Minas Gerais, transforma lo que es desecho en materia sensible y poética. Esta transformación también moviliza la idea de memoria involuntaria propuesta por Marcel Proust (2006), en la cual los sentidos, especialmente el tacto y la vista, activan recuerdos y afectos no lineales, a menudo olvidados o adormecidos. Cada pieza creada es, así, una costura entre tiempos y espacios, fragmentos y subjetividades. La propuesta fue presentada al público en dos exposiciones realizadas en el Parque Tucumã, el 22 de mayo de 2025, y en la Asociación de Profesores de la Universidad Federal del Acre (UFAC), el 10 de junio de 2025, con obras accesibles entre R$ 10,00 y R$ 30,00. De esta manera, se reafirma el compromiso con un arte inclusivo y sensible. Más que objetos estéticos, los árboles de piedra constituyen formas de reencantamiento del mundo a partir de lo que ha sido descartado.

Palabras clave: Arte; Cotidiano; Memoria; Reencantamiento.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

INTRODUÇÃO

Este texto explora a produção de artesanatos de pedra como portadores de histórias e afetos mediado pela memória e produtos recicláveis. A proposta reflete sobre os sentidos estéticos de um processo criativo que reaproveita materiais cotidianos, especialmente pedras e fios, questionando as fronteiras entre arte e artesanato, lixo e matéria-prima. Teoricamente, baseia-se nas ideias de Michel de Certeau (1994) sobre o cotidiano como espaço de táticas criativas que produzem outras formas de arte, ancorada na percepção de memória involuntária de Marcel Proust (2006) no que diz respeito a produção das peças expostas ao coletivo medida pela subjetividade do artesão.

A metodologia é qualitativa e autoetnografia, envolvendo a coleta sensível de materiais em Rio Branco (Acre) e pedras e mineiras advindos de Belo Horizonte, Minas Gerais, com montagem cuidadosa das peças. O trabalho foi apresentado em duas exposições a preços simbólicos, reforçando seu caráter inclusivo, apresentam-se nos resultados dois depoimentos de participantes, com base na pergunta “De que maneira vocês acreditam que a exposição "Árvores de Pedras" pode transformar nossa percepção sobre os materiais recicláveis do cotidiano e sua importância de reencantamento em nossas vidas?

As entrevistas foram realizadas em contextos diferentes, entre 30 de junho e 1º de julho de 2025, e cada uma delas se refere às duas exposições realizadas. O objetivo dessas entrevistas é mostrar como as obras, feitas a partir de materiais recicláveis, provocaram reações únicas nos espectadores. Esses relatos ajudam a entender como a proposta estética despertou sentimentos, reflexões e percepções sobre o cotidiano e o consumo.

O texto analisa buscando resultados a partir das exposições e as interações com o público, ressaltando a arte como um convite à reflexão e à valorização do cotidiano, que descreve a prática e os materiais; e a discussão sobre as exposições e interações com o público, destacando a arte como um convite à reflexão e à valorização do cotidiano.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

CAMINHO METODOLOGICO E O PROCESSO CRIATIVO

A presente investigação adota uma abordagem autoetnografia, compreendida como um método de pesquisa qualitativa que entrelaça vivências pessoais do pesquisador com os contextos culturais, sociais e simbólicos nos quais ele está inserido. A autoetnografia, conforme afirmam Carolyn Ellis, Tony E. Adams e Arthur P. Bochner (2011), é uma forma de pesquisa e escrita que explora as experiências subjetivas do autor como ponto de partida para refletir criticamente sobre práticas culturais mais amplas.

Essa abordagem permite que o pesquisador conecte suas vivências pessoais a contextos sociais e culturais, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas que moldam a experiência humana. Assim, a autoetnografia não apenas documenta a experiência individual, mas também serve como um meio de análise crítica das normas e valores que permeiam a sociedade.

Ao combinar narrativa pessoal com análise cultural, a proposta metodológica rompe com a separação entre sujeito e objeto de estudo, permitindo que o pesquisador se inscreva no próprio campo que analisa.

No contexto deste trabalho, a autoetnografia se manifesta na relação direta entre corpo, território e matéria. A coleta de pedras, o caminhar pelos becos, o toque nas superfícies frias e ásperas, bem como a memória evocada por esses gestos, são experiências vividas que atravessam a escrita. Como destaca Ellis e Bochner (2000) a autoetnografia valoriza não apenas a observação, mas também a emoção, o afeto e a memória como dimensões legítimas da produção de conhecimento.

Dessa forma, o processo criativo aqui descrito não é apenas documentado, mas vivido, refletido e narrado a partir de dentro. A perspectiva autoetnografia permite compreender que cada árvore construída não representa apenas uma obra estética, mas também uma travessia afetiva, uma cartografia sensível do cotidiano e da memória inscrita no gesto artesanal. Na reciclagem, tudo começa com a observação e imaginação. Cacos no chão, pedaços de casas, que recapeiam o beco, restos de pedra, para muitos, apenas entulhos.

Na Figura 1, são apresentadas as bases que sustentam a arte. A inspiração surge do ambiente ao nosso redor, do cotidiano e das ruas, onde cada elemento pode se transformar em arte. Pedras são coletadas, incluindo fragmentos quebrados

Volume 2026
ISSN 2319-0868

e esquecidos nos becos dos bairros. Esses materiais são escolhidos, lavados e selecionados, sendo, então, transformados em fundamentos da arte.

Figura 1 - Rua Primavera – Universitário II - Rio Branco - Acre



Fonte: Acervo Pessoal do Autor

Na figura (2), mostra-se após a coleta cuidadosa, cada pedra é lavada, observada e catalogada conforme seu tamanho; grandes, médias e pequenas, respeitando suas singularidades materiais e estéticas. Algumas, como o mármore, já carregam em si um brilho natural dispensando maiores intervenções; basta um toque de verniz para revelar sua beleza latente.

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 2 - Modelos de pedras recolhidas



Fonte: Acervo do Autor

Outras, no entanto, tem elaboração mais sensível: recebem pintura, ajustes estéticos, uma composição que respeita sua forma original, mas que também a reinterpreta. A partir dessa base, constroem-se as raízes, moldadas manualmente com cola de alta aderência e tingidas com tintas artesanais em cores diversas, articuladas conforme o olhar e a sensibilidade de quem cria. Essas que são ilustradas na figura (3), nesse momento que a arte se faz gesto e decisão. Cada escolha cromática, cada curva da raiz, cada encaixe, traduz uma relação entre matéria e memória.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 3 – Bases finalizadas nas árvores



Fonte: Acervo Pessoal do Autor

Os caules e os galhos, trazido na figura (4) são produzidos com arames reaproveitados de cercas elétricas, fios antes voltados ao isolamento, agora reconfigurados como estruturas vivas de uma árvore que brota do fragmento. Assim, a peça com uma semana de trabalho, entre tinta que seca e cola que prende se ergue como símbolo: da reconstrução, da criação a partir do resto, da beleza que insiste em renascer.

As pedras que tornam as folhas são as chamadas pedras roladas, como: Ametista, Amazonita, Topázio azul e rosa, Quartzo, Ágata e outras. Essas pedras finalizam a peça, trazendo sofisticação pelo polimento, cor e brilho. Além das pedras roladas, há custos com colas especiais, tintas, pincéis, ferramentas e até com fios. Cada árvore demanda tempo, técnica e investimento, o que a torna uma peça artesanal única.

Volume 2026
ISSN 2319-0868

Figura 4 – Tronco e galhos de cerca elétrica reciclada



Fonte: Acervo Pessoal do Autor

O tronco e os galhos das árvores são feitos com fios de cerca elétrica reaproveitados. O fio ideal precisa ser maleável, fácil de dobrar e resistente à oxidação, permitindo que a árvore mantenha sua forma e dure por muito tempo. Na figura (5), apresenta minerais e pedras adquiridas com investimento financeiro, compradas pela internet e vindas de Belo Horizonte (MG).

Figura 5 - Materiais e ferramentas para produção



Fonte: Acervo do Autor

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

As ferramentas essenciais para a produção incluem: Alicates de ponta: para modelar o fio - Pincéis e tintas: para acabamento - Colas: como Tec Bond e durepox, para fixação precisa e resistente. Esses materiais apresentados permitem unir forma e função com durabilidade. Mais do que seguir passos, o artesanato é um exercício de sensibilidade.

Cada árvore é feita com paciência, com o cuidado de quem enxerga em cada curva um gesto, em cada pedra um caminho. As a produção das Árvores de Pedra nos convidam a olhar o mundo com outros olhos, ver beleza no que foi descartado, reconhecer arte na repetição paciente e valorizar o que é feito com as próprias mãos.

O processo de produção das árvores de pedra envolve diferentes etapas que exigem tempo, cuidado e precisão artesanal. Desde a coleta dos materiais – pedras, fios reaproveitados e bases de madeira ou outros suportes – até a limpeza, separação e preparação dos insumos, há um rigor metódico que organiza o fazer. Após essa etapa inicial, a confecção de cada árvore leva, em média, oito horas de trabalho manual, considerando já os materiais prontos para uso.

No entanto, é importante considerar o tempo necessário para a secagem de colas e vernizes, que varia de acordo com o clima e a densidade dos materiais. Por isso, embora o tempo direto de montagem seja de um dia, o ciclo completo de produção e acabamento de cada peça gira em torno de uma semana, ao fim da qual a árvore está completamente seca, vernizada, pesada e catalogada para venda.

Essa temporalidade de produção é também uma escolha metodológica, pois respeita o tempo do material e da técnica, garantindo durabilidade e qualidade estética. Em alguns momentos, é possível confeccionar três a quatro árvores por dia, otimizando o tempo com ações em paralelo, como a montagem de uma peça enquanto outra seca. Ainda assim, mesmo com essa dinâmica produtiva mais intensa, mantém-se o critério artesanal do processo.

Em relação à durabilidade das árvores, ela é considerada indeterminada: como são objetos decorativos de base mineral e metálica, e recebem verniz de proteção, sua conservação depende basicamente do cuidado no manuseio. Além disso, realizamos manutenção contínua, como retoques, revernizes ou ajustes, quando necessário, o que prolonga sua vida útil e reafirma o compromisso com o acabamento de cada peça.

MOURA, Ezir Leite de Moura Júnior. ÁRVORES DE PEDRA: ARTE ENTRE ENTULHOS, MEMÓRIA E REENCANTAMENTO. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, Volume 1, Ano 2026, p. 1-18.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

Volume 2026
ISSN 2319-0868

FUNDENTOS TEORICOS

A arte aqui apresentada surge como um gesto filosófico, enraizado na memória, na matéria e no místico das pedras semipreciosas do interior de Minas Gerais. Forjada nos rastros do garimpo, nas marmitas levadas aos trabalhadores e nos cacos deixados pelos túneis, essa criação carrega não apenas o valor econômico da pedra, mas também seu peso simbólico e cultural subjetivo.

Essa perspectiva se alinha com as ideias de autores como Michel de Certeau, que, em *A Invenção do Cotidiano* (1994), discute como as práticas cotidianas podem ser formas de resistência e criatividade. Além disso, a obra de artistas como Joseph Beuys (1921) e seu conceito de "arte como ação" enfatiza a importância do processo e do envolvimento social na criação artística. O autor argumenta que todo ser humano é um artista, e que a criatividade pode ser expressa através de gestos simples e cotidianos, refletindo a ideia de que a arte não precisa ser uma produção elitista, mas sim uma prática acessível e transformadora.

A reciclagem e a reutilização de materiais também dialogam com a estética do "junk art", que desafia a noção de beleza e valor atribuído a objetos. Vik Muniz (1961) explorar a relação entre o lixo e a arte, questionando o que é considerado digno de atenção e apreciação. Essa abordagem não só promove a sustentabilidade, mas também convida à reflexão sobre o consumismo e o descarte na sociedade contemporânea.

Assim, a reinvenção do cotidiano a partir da matéria descartada não é apenas uma prática estética, mas um convite à reflexão crítica sobre nossas relações com o mundo material, a memória coletiva e a possibilidade de transformação social. A arte, nesse sentido, se torna um meio de escuta e diálogo, onde cada objeto ressignificado carrega histórias e significados que ressoam com a experiência humana.

É através dele que se inicia este processo artístico: nos becos do Universitário, em Rio Branco – Acre, nas sobras das frentes de lojas de mármore, nas calçadas das empresas de rochas, onde recolhemos os alicerces das nossas árvores de pedra. Cada fragmento coletado carrega ecos de um passado vivido, de memórias herdadas que, como nos provoca, afetam e atravessam o presente. É

Volume 2026
ISSN 2319-0868

nessa arqueologia do cotidiano que se inscreve a potência desta obra/exposição, onde o chão descartado não é apenas suporte, mas ganha um novo sentido.

Algumas das pedras que compõem a base de nossas árvores carregam histórias interrompidas, restos de mesas de mármore, sobras de pisos, projetos que nunca se completaram. Fragmentos de desejos alheios que, ao se unirem a outros fragmentos oriundos de diferentes tempos e espaços, ganham novo sentido e forma. Nesse reencontro de matérias, incorporamos também fios de cerca elétrica reciclados, elementos antes destinados à contenção e ao descarte, agora reconfigurados em uma estrutura poética, caule e galhos. É nesse entrelaçamento de memórias, restos e reinvenções que se ergue a árvore recém produzida pelo artesão, símbolo de vida e desejo renovado.

E é nessa conjuntura de fragmentos soltos por chãos, vindos de localidades entre o perto e o distantes, entrelaçando os saberes de regiões onde passei de Minas Gerais com restos de materiais de construção coletados em becos do Acre, que se estabelece uma produção artística enraizada na memória. A produção das peças nascem do encontro entre o que foi descartado e o que persiste, guiada por um olhar que reconhece a beleza oculta nas frestas, nas sobras, nos restos do cotidiano.

Cada peça é uma tentativa de costurar terrenos e tempos, mostrando que, mesmo entre os escombros, há estética, história e potência. As pedras não falam, mas carregam marcas de formação. Ao juntá-las, buscamos organizar essas memórias nas sombras das minhas, uma escolha inevitável. É um diálogo silencioso, feito de matéria e olhar subjetivo do sujeito que as produz. A exposição que você verá aqui é menos sobre o objeto e mais sobre como o objeto pode nos atravessar.

RESULTADOS: MEMÓRIA E REENCANTAMENTO DO LIXO

A proposta de exposição artística “Árvores de Pedras” foi apresentada ao público em dois momentos distintos, ambos marcados pelo compromisso com a acessibilidade e a valorização do sensível no cotidiano. A primeira exposição ocorreu no Parque Tucumã, em Rio Branco – Acre, no dia 22 de maio de 2025, ocupando um

REVISTA DA FUNDARTE

espaço público de circulação ampla e diversa. A segunda realização teve lugar na Associação de Professores da Universidade Federal do Acre (Ufac), no dia 10 de junho de 2025, ambiente de diálogo acadêmico e formação crítica.

Em ambas as ocasiões, as obras foram disponibilizadas ao público com valores acessíveis, entre R$ 10,00 e R$ 30,00, reafirmando o compromisso com uma arte inclusiva, popular e sensível às realidades locais. Mais do que produtos estéticos, as "Árvores de Pedras" se configuram como dispositivos poéticos de reencantamento do mundo, revelando a potência do que é reciclado, marginal e aparentemente sem valor. A proposta reforça, assim, a capacidade da arte de transformar olhares, afetos e práticas a partir daquilo que foi descartado.

Figura 6 - 1° exposição no Parque Tucumã, em Rio Branco (22 de maio de 2025) - 2° Exposição - Associação de Professores da Universidade Federal do Acre (UFAC- 10 de junho de 2025)



Fonte: Acervo Pessoal do Autor

A participante 1 da pesquisa: Emilly Rebeca de Sales Lacerda: Estudante de Letras – Inglês e, atualmente, professora de inglês para crianças. Apaixonada pela literatura e pela pintura, acredita no poder da arte e da educação como formas de

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

conexão. Exposição no Parque Tucumã, em Rio Branco (22 de maio de 2025) Pergunta: De que maneira vocês acreditam que a exposição "Árvores de Pedras" pode transformar nossa percepção sobre os materiais recicláveis do cotidiano e sua importância de reencantamento em nossas vidas?

> A exposição 'Árvores de Pedras' pode mudar a forma como vemos os materiais recicláveis do cotidiano. O consumismo em massa é um problema atual, agravado pela influência das redes sociais. Muitas vezes, compramos sem necessidade, gerando desperdício. A exposição propõe uma alternativa: valorizar o artesanal e o reciclado. Assim, reduz-se o consumo excessivo e incentiva-se a apreciação por peças únicas e sustentáveis. As 'Árvores de Pedras' representam para mim muito mais do que arte; são um convite a repensar hábitos negativos e a enxergar a beleza em coisas simples que deixamos passar. Essa pode ser uma forma de reencantar o cotidiano, unindo a ecologia e a estética no dia a dia." .(LACERDA, 2025).

O depoimento de Emilly Lacerda destaca uma crítica contundente ao consumo exacerbado e aponta para a potência transformadora da arte ao ressignificar objetos rejeitados. Ao valorizar materiais recicláveis e técnicas artesanais, a participante sugere que a exposição "Árvores de Pedras" opera como um dispositivo de sensibilização estética e ética, promovendo um olhar mais atento ao que é ordinário muitas vezes descartado no cotidiano.

A partir desse olhar, o reaproveitamento de pedras, fios e arames deixa de ser apenas uma prática de reutilização e se converte em gesto poético. Como propõe Michel de Certeau (1994), o cotidiano é um campo fértil de invenções sutis, onde práticas aparentemente banais, como caminhar, recolher e recompor, constituem verdadeiras táticas criativas. Assim, a ação de coletar materiais torna-se um ato artístico e político, uma forma de narrar o mundo por meio de suas reminiscências.

A noção de memória involuntária, conforme elaborada por Marcel Prost (2006), também ajuda a compreender a força do trabalho apresentado: ao transformar materiais comuns em obras de arte, a exposição convoca lembranças adormecidas, afetos esquecidos, e reativa sensibilidades que ligam o espectador ao seu ambiente. Os objetos, antes invisibilizados, passam a carregar histórias e possibilidades de reconexão com o mundo.

Portanto, os resultados da exposição não se limitam à fruição estética; eles apontam uma ética da atenção e uma poética da simplicidade. "Árvores de Pedras" nos convida a perceber as pequenas belezas que sussurram nos cantos do

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

cotidiano. Nesse contexto, a arte se constitui como uma estética da resistência, ao propor outras formas de habitar o mundo e ao reencantar a vida a partir do que se julgava inútil. A interação com o público, nesse sentido, promove uma pedagogia sensível, em que cada obra é também uma oportunidade de aprendizado e transformação.

A segunda e última entrevista com Moisés Silveira Lobão, O professor possui graduação em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa (2000), mestrado em Ciências Florestais pela mesma instituição (2002) e doutorado em Recursos Florestais pela Esalq/USP (2011). Atualmente, é professor da Universidade Federal do Acre, onde atua nas áreas de Recursos Florestais e Engenharia Florestal, com ênfase em dendrocronologia (dendroclimatologia e dendroecologia) e na tecnologia da madeira e dos bambus nativos da Amazônia, focando na caracterização anatômica e físico-mecânica desses materiais.

A entrevista foi realizada pensando a 2° exposição realizada na Associação de Professores da Universidade Federal do Acre (UFAC) em 10 de junho de 2025. O entrevistado traz à tona reflexões profundas sobre a interconexão entre arte, natureza e memória. Lobão, professor e especialista em Recursos Florestais, destaca a importância de reconhecer nossa ligação com o meio ambiente. Ele afirma:

> Boa noite. Essa ideia é muito interessante. A gente tem que pensar que estamos interligados à natureza. Então, quando pensamos nesse artesanato de árvores de pedra, que trabalha com pedras naturais, precisamos refletir sobre como tudo no mundo se transforma. E essa transformação, quando vira uma obra de arte, não serve apenas como uma forma de geração de renda para as pessoas. Mais do que isso, ela representa algo simbólico. Por exemplo, quando vi aquela peça de artesanato, me lembrei das minhas origens. Quando falamos de Minas Gerais, pensamos logo nas minas. E, além do ouro, havia várias outras pedras, muitas vezes pouco valorizadas, mas que carregam uma história do lugar de onde viemos. Isso acontece com muitas outras coisas também. Quando pegamos algo que seria descartado e o transformamos em arte ou artesanato, estamos mostrando algo importante. Primeiro, há uma ancestralidade nisso, porque nossos antepassados já faziam esse tipo de reaproveitamento. Além disso, existe uma simbologia envolvida, representando algo significativo para cada um de nós. É algo muito forte, que nos ajuda a pensar sobre a importância de preservar. O que é natural, o que vem da natureza, deve ser compreendido como parte de nós, porque nós também somos natureza. Fazemos parte desse todo. Quando protegemos a natureza, estamos protegendo a nós mesmos. É esse o sentido que

Volume 2026
ISSN 2319-0868

> eu queria destacar. Não sei se é exatamente o que você queria dizer, mas queria deixar esse depoimento e parabenizar pelo trabalho de resgate e, ao mesmo tempo, por propiciar toda essa arte. Para nós, especialmente aqui no Acre, onde infelizmente não temos pedras como em Minas, é importante valorizar outras maravilhas que também precisam ser mostradas. Um abraço. (LOBÃO, 2025).

A exposição das árvores de pedras propõe uma reflexão profunda sobre a relação entre objetos e memória, alinhando-se à ideia de memória involuntária de Marcel Proust (2006). Cada pedra, coletada de ambientes urbanos e rurais, carrega consigo histórias e experiências que muitas vezes permanecem ocultas. Quando pensamos nesse artesanato de árvores de pedra, que trabalha com pedras naturais, precisamos refletir sobre como tudo no mundo se transforma. Essa transformação, ao se tornar uma obra de arte, não serve apenas como uma forma de geração de renda para as pessoas; mais do que isso, ela representa algo simbólico.

Como Lobão (2025) sugere, essa prática artística não é apenas uma atividade econômica, mas também um meio de ressignificação cultural e social. Através do artesanato, as pedras se tornam portadoras de narrativas e significados, conectando o passado e o presente, e permitindo que os indivíduos e comunidades se reconheçam em suas obras. Assim, a arte emerge como um veículo de memória e identidade, revelando as histórias que cada pedra traz consigo e promovendo uma reflexão mais profunda sobre a relação entre o ser humano e seu ambiente.

> Quando pensamos nesse artesanato de árvores de pedra, que trabalha com pedras naturais, precisamos refletir sobre como tudo no mundo se transforma. E essa transformação, quando vira uma obra de arte, não serve apenas como uma forma de geração de renda para as pessoas. Mais do que isso, ela representa algo simbólico. (LOBÃO, 2025).

A interação com essas obras permite que o público acesse lembranças pessoais, evocando sensações e afetos que podem ser despertados pela simples presença de um objeto. A interação com essas obras permite que o público acesse lembranças pessoais, evocando sensações e afetos que podem ser despertados pela simples presença de um objeto.

Essa experiência se alinha com as ideias de Jacques Rancière (2009) sobre a estética do sensível, que sugere que a arte não apenas representa a realidade, mas também a reorganiza, permitindo novas formas de percepção e compreensão social

Volume 2026
ISSN 2319-0868

e política. Rancière argumenta que o espectador emancipado é aquele que não é apenas um receptor passivo, mas um participante ativo que interpreta e dá significado à obra. Assim, ao interagir com as obras, o público não apenas revive suas memórias, mas também se torna agente de sua própria experiência estética, desafiando as hierarquias tradicionais de apreciação artística e promovendo uma reflexão crítica sobre o cotidiano.

Essa perspectiva ressoa com as idéias de Michel de Certeau no texto “A Invenção do Cotidiano” (1994), que propõe que as práticas cotidianas podem ser vistas como formas de resistência e criatividade. A transformação de materiais aparentemente sem valor em arte reflete um ato de resistência cultural e uma valorização das narrativas locais. Além disso, a montagem cuidadosa das árvores de pedras cria um espaço onde o cotidiano se torna extraordinário.

A disposição das pedras, escolhidas de maneira intuitiva, convida os visitantes a observar não apenas a estética da obra, mas também a sua capacidade de resgatar memórias esquecidas. Assim, a arte se torna um meio de ativação da memória coletiva e individual, permitindo que cada espectador encontre um eco de suas próprias vivências nas formas e texturas das pedras. Essa experiência sensorial transforma a relação entre o público e a obra, promovendo um diálogo íntimo que transcende o mero olhar.

Além disso, a visão de Joseph Beuys sobre "arte como ação" se manifesta na fala de Lobão, que menciona a ancestralidade e a simbologia envolvidas no reaproveitamento de materiais. Ele enfatiza que: "Quando pegamos algo que seria descartado e o transformamos em arte ou artesanato, estamos mostrando algo importante." (LOBÃO, 2025). Essa abordagem ecoa o trabalho de artistas como Robert Rauschenberg e Vik Muniz, que desafiam as percepções do que é digno de atenção e apreciação na arte, utilizando lixo e materiais recicláveis como meio de expressão. Lobão observa que essa transformação não é apenas estética, mas também uma forma de resgatar memórias e identidades.

Por fim, a ideia de memória involuntária de Marcel Proust (2006) é evocada quando Lobão reflete sobre suas origens. Ele menciona que ao ver uma peça de artesanato, recorda as histórias de Minas Gerais, onde as pedras, muitas vezes desvalorizadas, carregam significados profundos. Ele conclui: "O que é natural, o

Volume 2026
ISSN 2319-0868

que vem da natureza, deve ser compreendido como parte de nós, porque nós também somos natureza. Fazemos parte desse todo." (LOBÃO, 2025)

Essas reflexões não apenas encerram a seção de resultados, mas também ressaltam a importância de valorizar as expressões artísticas que emergem da interação entre cultura, natureza e memória, destacando o papel vital da arte na construção de identidades e na preservação de histórias.

Referências:

BEUYS, Joseph. **What is art? Forest Row**: Clairview Books, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. Autoetnografia: uma abordagem analítica para pesquisa e escrita. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. 2**. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 681–725.

MUNIZ, Vik. **Reflex: A Vik Muniz Primer**. New York: Aperture, 2005.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: No caminho de Swann**. Tradução: Mário Quintana. São Paulo: Globo, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. A Política da Literatura. São Paulo: Editora 34, 2009.

TOMKINS, Calvin. **Off the Wall**: **A Portrait of Robert Rauschenberg**. New York: Picador, 2005.

FIGURAS (acervo pessoal do autor, 2025)

Figura 1 – Rua Primavera – Universitário 02 – Rio Branco, Acre

Figura 2 – Modelos de pedras recolhidas

Figura 3 – Bases finalizadas nas árvores

Figura 4 – Tronco e galhos de cerca elétrica reciclada finalizados nas árvores

Figura 5 – Materiais e ferramentas para produção

Figura 6 – 1ª exposição no Parque Tucumã – Rio Branco (22 de maio de 2025) / 2ª exposição – Associação de Professores da Universidade Federal do Acre (UFAC – 10 de junho de 2025)

REVISTA DA FUNDARTE

Volume 2026
ISSN 2319-0868

ENTREVISTAS

LACERDA, Emilly Rebeca de Sales. Entrevista concedida ao autor (30/junho/2025). Rio Branco – AC, Julho de 2025.

LOBAO, Moisés Silveira. Entrevista concedida ao autor (01/julho/2025). Rio Branco – AC, julho. 2025.

Recebido em: 04/07/2026.
Aceito em: 05/08/2025 .
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Ezir Leite de Moura Júnior Moura
Doutorando e Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) da Universidade Federal do Acre (UFAC). Graduado em Licenciatura em História pela Faculdade Estácio de Sá (2021). Atualmente, é bolsista de doutorado pelo CNPq e, durante o mestrado, foi bolsista CAPES. Durante a graduação, foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com financiamento da UFAC e CAPES, nos períodos de 2019-2020 e 2020-2021, desenvolvendo pesquisas sobre alimentação no Acre Territorial entre 1904 e 1920. É livreiro e empreendedor cultural, com atuação na promoção de eventos literários culturais em Rio Branco -Acre.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9535-7146
E-mail: junior.469@hotmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

REVISTA DA FUNDARTE